

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

ALCINDO DIAS PEREIRA

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia Minerva Vimaranesense: Rua 31 de Janeiro, 133—GUIMARÃES

Literatura

Carta de amor

Eu sei que tens de ceder. Mais cedo ou mais tarde, à força da verdade e do meu amor, tu hás-de entregar-te, gloriosamente bela, apaixonadamente sensual. E' impossível continuar assim — tu bem o sabes, tu própria já o adivinhaste. Eu tenho fé — uma fé santa — aquela fé dos heróis, aquela fé dos que vencem e dos que creem. Acredita: já me não importa o tempo e não me importa porque eu sei que gozarei da delícia da tua própria ventura, egoistamente gosada pelo nosso corpo fogoso. O tempo, implacável e soberano, há-de dar-nos aquela realidade sublime, nervosa de emoção, vibrante de sentimento. Eu quero-te muito, bem sabes. Eu quero-te com toda a minha mocidade romântica e sensual, num grito de posse felina, ardente de beleza, selvagem de vibrabilidade. Quero-te, meu amor, e não é possível vencer toda essa ventura que me enche a alma porque ela é a própria lei da Natureza e contra ela nada se impõe e nada se talha. Um dia, na suprema glória de toda a minha vida emocional, eu hei-de sentir-te apertada contra o peito, langorosa de felicidade. Há realmente certas mulheres que parecem difíceis; mas é um engano. E' uma questão de geito — é mesmo uma questão de amor. E acredita, minha linda, essas mulheres aparentemente difíceis são precisamente as mais fáceis. E' que essas são as que mais profunda e exuberantemente concentram todas as suas mais fortes e bizarras sensações. Sendo mais egoístas, parecendo mais senhoras de si, são muito mais falsas, e, tocadas no polo nervoso da sua sensibilidade, são precisamente as que cometem as mais estranhas e saborosas loucuras. Eu amo as mulheres assim — as mulheres difíceis. São as mais sensíveis e as mais apaixonadas. Torna-se mais singular e mais bizarro o festim do pecado e tu sabes — que tu és inteligente e és sensível — que o melhor amor é aquele que mais eivado está de mistério... Eu compreendo, é claro, o teu receio. Mas não compreendes tu que te ofereço eu todo um mundo palpitante de ternuras, de pequenos mistérios a desvendar e a saborear, detalhe por detalhe, emoção por emoção?...

A vida não pode ser aquela condição contrafeita e contrariada à nossa sensibilidade e ao nosso espírito. Tão pouco aquela realidade fictícia que nos desconsola e nos irrita. E muito menos, minha filha, aquela estúpida banalidade, tão longe das nossas virtudes, tão fraca aos nossos interesses espirituais. Como duma Pátria, se pode dizer do amor: ele é de todos e porque todos o teem, não devemos nós, também, possuir o nosso? Tu crês que seja possível viver assim — viver para aí perfeitas horas mortas, agrilhoado e mais preso que numa penitenciária? Julgas porventura ser legítimo viver assim? Bem sabes que quanto mais contrariedades, mais pressões nos fizerem, mais depressa e mais forte a alma solta o seu grito de revolta implacável. Acredita, meu amor, que tudo vejo estupidamente comprazendo-se em atirar mais o fogo que nos arde no peito. O que tu deves ter, porém, é confiança, segurança, fé. E' a ordem natural das coisas. E ela é mais forte do que nós mesmos. E é tão natural e tão legítima que se tu pedisses a opinião de toda a gente, muito pouca — quasi ninguém — a não ser uma parcela mínima de irreflectidos e de malvados, negariam a legitimidade deste nosso amor que, no final de contas, é bem triunfante e bem altivo. Ele existe e isso é tudo. Por isso eu penso, afirmando-te mais uma vez que te pertence, inteira, toda a minha sensibilidade, que um dia — talvez bem mais breve do que tu julgues — nos sentiremos sós, completamente sós, inteiramente sós, livres de importunos e tratantes que tanto teem intrigado e desprotegido toda aquela anciedade espiritual que sempre me conheceste.

Eu adoro o teu corpo; fascina-me a graça da tua flexibilidade, o ritmo do teu andar, lembrando uma princesa lendária; perturba-me o teu colo, fôfo e branco e entenece-me aquela tua melancolia, feita de sonho e brandura. Nas tuas maneiras, suaves, harmoniosas, deve haver meiguices deliciosamente loucas. O teu próprio scismar, receoso, quasi aflitivo, empolga-me. Fico-me às vezes a imaginar em ti extranhas manifestações de prazer, que me devem dar um enlévo que hoje desconheço e que me preexcita profundamente. Como queres, pois, asfixiar, matar toda esta vibrabilidade incandescente? — deixa dizer assim. Como queres, meu amor, continuar, ou admitir a hipótese de continuar em tão dolorosa atitude de falsa realidade quando és tu própria — leio-o nos teus olhos — a reconhecer a tua desgraça? Os teus parentes — esses teus afastados primos — nada conseguirão de ti e nem eles serão obstáculo

(Continua na 2.ª página).

A mulher e a República

No n.º 331 deste jornal, fizemos umas considerações — muito ligeiras — sobre o título que nos serve de epigrafe. O bi-semanário local «O Comércio de Guimarães» fez, no seu n.º 4485, alguns reparos ao nosso modo de ver quanto à acção da mulher adentro da República. Com o devido respeito que estamos acostumados a ter pelos ideais e pelas crenças de todos aquêles que não pensam como nós, devemos dizer ao articulista do «Comércio de Guimarães» que se afastou um pouco da verdade dizendo que a religião foi perseguida nos tempos do Democratismo. De certo, o articulista não ignora que os democráticos não têm perseguido a religião, e se algumas vezes têm tido necessidade de intervir em tal assunto, tem sido única e simplesmente com o fim de reprimirem — mas sem o carácter de perseguição — o abuso dos maus católicos, que são todos aqueles que não sabem ter o devido respeito pela sua crença. Os católicos, os que o são na verdadeira acepção da palavra, serão os primeiros a fazerem justiça as nossas palavras. Os católicos sinceros, os católicos bons são os que acatam e respeitam as leis civis de qualquer regime, visto que isso não os obriga a abdicarem das suas crenças. Os católicos sinceros e bons são aquêles que não se aproveitam da religião para espalharem o ódio e a intriga no seio da família portuguesa. Os católicos conscientes, os católicos verdadeiros são dignos do nosso respeito e da nossa consideração. E dito isto — que deve ser o suficiente para que o articulista do «Comércio de Guimarães» não nos considere *extremista*, nem mau republicano, nem mesmo mau católico — parece que não deve haver motivo para *heresia* aconselhando as mulheres de Portugal a integrem-se no ideal republicano e a lutarem pela República. E se porventura existisse o receio da República perseguir a religião, esta circunstância seria mais um motivo — mas um motivo forte, até mesmo uma necessidade — a contribuir para a infiltração da mulher adentro da República, porque era uma força a mais a cooperar — dentro do próprio regime — na defesa da religião. Por isso, continuamos a afirmar que as mulheres portuguesas — *sem traírem as suas crenças e sem venderem o seu voto* — podem ser republicanas, podem ser conservadoras, podem ser católicas. Se o nosso colega «O Comércio de Guimarães» não quizer fazer justiça à lealdade e sinceridade com que fazemos estas afirmações, paciência. Nós somos o que somos.

(Grigri).

Visita

Em gozo de licença, está entre nós o nosso estimado amigo e correligionário, Sr. Coronel Ribeiro Vilas, brioso oficial do Estado Maior do Exército.

Guimarães, terra velhinha...

Vê-se logo pela epigrafe que corremos atrás do estafado tema que — coevo de nossos felicíssimos avós — ainda escandece a miolreira dos que encarnam puritanamente o lídimo sentimento bairrista da colectividade concelhia. Mas, *esta coisa de idades* não é certamente o que faz duma cidade o «non-plus-ultra». Guimarães é velhinha sem desprimor para outras terras mais velhinhas do que ela. Nem tampouco nos afervora o orgulho de vimaranenses o descabido vínculo — de ora em quando pespegado nas bochechas dos mirones — *duma tóla fidalguia*. Preferimos às cantilenas ilusórias as realidades prosaicas... naquela nudez fria que penetra e convence.

Guimarães é sobretudo — e eis o rodizio que esmigalha todos os entraves — uma cidade com inadiáveis direitos de viver... direitos que foi conquistando no aturado esforço das suas reivindicações. Não entra nisto, como é notório para os que trazem a cabeça bem assente no pescoço, *fidalgua*... nem *plebe*. De outro modo, quem tudo fez sem trémulas vacilações foi o conjunto bem ordenado dos vimaranenses... de todos os vimaranenses. A nossa terra é *velhinha*, mas redobramos de vigor sempre que urge remoçá-la... sem fazermos uso — claro está — dos modernos processos de embelezamento: «manicure», cabeleireiro, cremes, batons e outros ingredientes de estapafúrdia aplicação. Desejamos remoçar a nossa terra com um vestuário novo e — a dentro das possibilidades — dotá-la de adereços indispensáveis à sua formosura, tais como: Liceu Central, Unidade Militar com a respectiva Banda, Distrito de Recrutamento, Curso Comercial completo, Escola Primária Superior ou outra que a substitua, etc., etc...

Estas prendas, que Guimarães possuiu já e quer — a todo o transe — readquirir, não vedam o caminho à sua fortuna futura. A outras prendas, a muitas mais, tem jus. Mas, como é humanamente impossível fazer tanto em tão pouco tempo, assentemos nisto: é preciso por agora, sem prorogamentos nem massudos considerandos, criar um corpo de «polícia municipal», que — junta à «civil», e sob o mesmo comando — possa velar pelo socêgo e bom arrumo de tudo o que é susceptível de desarranjo. A ideia não é inédita; porque o Município de Lisboa vai pô-la em execução, criando o referido «corpo policial». Ora Guimarães tem exactamente disso uma incalculável necessidade, mercê — não de distúrbios nem de alterações da ordem pública nem de outros similares desequilíbrios de ânimo — duma infundável série de pequenas coisas que a aludida entidade pode remediar salutarmente. O nosso Município, seguindo este caminho, em nada tem que exitar. Não lhe é difícil criar — por exemplo — um corpo policial de trinta homens que, simultaneamente, desempenhem as funções de zeladores. A cidade lucraria da medida se o Município cumprisse este dever — que a todos os momentos lhe assiste — de auscultar com ponderação a vontade dos munícipes. Mesmo — e este argumento merece-nos um especial acolhimento — o facto significaria um pouco de asseio a dentro da cidade. Há, entretanto, um reparo mínimo que a nossa consciência escrupulosa nos obrigar a fazer... com a devida vénia: é que aos futuros agentes devia ser — por quem de direito — fixada residência nas ruas e largos da cidade... a fim de evitar possíveis eclipses, etc., etc. O melhoramento oferece-nos todas as vantagens. E Guimarães daria aos visitantes (êles agora não abundam!) uma impressão melhor, mais urbana e menos contristadora.

Dito isto, há a aduzir que, entre nós, afluem de todos os lados as lembranças mais estupendas... mas que — se não existisse este «mas», nem sei o que seria de nós — ficam na «biblioteca dos projectos», para edificação das gentes.

Tudo entra com rugidos de leão e sai com languidos lamentos de gata agonizante. Em Guimarães é assim. Não nos cansamos de repeti-lo. E alguns *pezarosos* voltam-se para traz e põem-se a reconstituir na imaginação o antanho... que Deus haja.

Amigos: os ventos não correm propícios a nostalgias. O que lá vai... lá vai. Guimarães quer ser nova e próspera, quer ir até onde têm ido — e mais ainda! — as suas irmãs afortunadas. Principiemos a trabalhar metódicamente a fim de produzir alguma coisa de útil. Em suma: menos projectos e mais obras. Que, se nos pomos a pensar no que aos montões existe de alvitres nos arquivos do Município... chegamos a conceber — cá dentro do caco — uma Guimarães fabulosa, capaz de condoer-se da pequenez e insignificância de Paris ou New-York. As coisas são o que são. Devagar que temos pressa. Ou alguma coisa ou... nada. — x. x. x.

Literatura

Carta de amor

Ainda sobre as Gualterianas

Através dos panoramas...

ao nosso amor. Um dia corro-os, chacino-os! Eu sei que eles disseram mal, que eles intrigaram, mas não desesperes. Tudo tem, neste mundo, o seu fim justo. Até Jesus morreu — vê lá! — pregado numa cruz!... E mais: e morreu, mesmo injustamente! Não há-de ter o seu fim, todos os tratantes deste mundo?!

Pressinto no coração uma alegria ruidosa. Sinto que sorris. Que tens fé. Que me queres muito... Eu bem o sei, meu amor, e eu bem o sinto...

"Não há gosto que sempre dure nem mal que nunca acabe, — e é bem certo. "A vida é gosto e desgosto",... — diz o poeta. Por isso eu quero para nós os dois — só para nós os dois — tôdas as nossas ilusões e desilusões. Nós bem nos entendemos e o nosso próprio sofrimento é muitas vezes a nossa própria virtude, dela vindo, portanto, o nosso lindo dia de A'manhã...

Isto é que não pode continuar assim. Sofres tu e sôfro eu e nem sequer, para alívio, a tua boca sensual, minha filha!... Quero sentir-te! Quero viver! Eu bem sei que no amor há sofrimento e há quimera e há grito... Mas já é tempo de acabar com tamanha angústia e tamanha dôr. De resto por mim não tenhas tu receio que, a bem dizer, se receio se pode ter, é por ti. Quem é que neste mundo não está livre duma traição? Ele há tantos aventureiros... E tu sabes: tu és mulher... e tu estás longe de mim...

O último beijo — lembras-te? foi tão vertiginoso, tão insatisfeito... Não chegou a nada. Fiquei em profundo delírio. Ia jurar que dava vontade de te ser infiel. Mas sustive-me e — cre... — bem logo me arrependi. As razões do coração — não achas? — são tão complexas, tão caprichosas... tão subtis...

Já não vem longe, decerto, o nosso dia feliz. Isto chegou ao seu termo. Pressente-se qualquer coisa de novo e de decisivo. A Natureza vai fecundar. Mais uma vez só é verdadeiro — aquilo que só a verdade encerra. Depois amparar-te-hei sempre, com todo o meu carinho, com toda a minha ternura. Juro-te que o farei. Eu sou um sensual, um arrebatado, é certo, e isso pode levar-te a pensar que me tentarão buliçosas coisas. Enganas-te. E enganas-te bem. Nada mais quero que a ti de toda a minha alma. São tão, rubros, incandescentes os teus lábios, tão donairoza a tua *silhouett*, que a tua beleza, sem par, rouba só para ti, toda a minha razão de sêr. Digo-te assim, em palavras banalíssimas, sciente de que nelas encontras um mundo cheio de verdades. E' o meu coração. E' toda uma realidade à vista!

E-dizias tu, meu amor, que não valia a pena, como que não quizesse ceder, como se não quizesse viver toda esta paixão que me arde na carne e que, pegando-se-me à alma, é eterna, integralmente eterna! Minha doida, minha feiticeira! Tu cederias, tu cairias mesmo que não quizesse! Não há nada mais forte neste mundo que a verdade e esta manda dizer que eu te amo arrebatadamente! Tem fé, pois. E um dia, estreitados para sempre, poderemos clamar, bem livremente: Até que enfim!...

Beija-te toda o teu

José.

Professor Abel Cardoso

A homenagem prestada na pretérita quarta-feira, 22 do mês passado, ao nosso querido amigo Sr. Abel V. Cardoso, constituiu uma grandiosa manifestação do quanto lhe querem, de como apreciam as suas relevantes qualidades, o seu admirável talento, os seus numerosos amigos.

Abel Cardoso teve ensejo de reconhecer no banquete que lhe foi oferecido no Hotel do Toural, quanto vale o seu primoroso carácter, quanto ele é acarinhado em Guimarães e quanto pesa deixa em toda a gente a sua partida para Lisboa. E' que Abel Cardoso só tem amigos e sinceros admiradores em Guimarães, de que ele é uma autêntica glória, um justificado orgulho.

No banquete, que decorreu com o maior entusiasmo, a mais comunicativa alegria vimos, entre outros os Srs. Dr. Alfredo Fernandes, Dr. Mário Dias, Dr. José Rodrigues, Dr. Eduardo de Almeida, Dr. João de Oliveira, Dr. Guilhermino Rodrigues, José Fernandes Guimarães, José de Pina, A. L. de Carvalho, Abel Cardoso, filho, Domingos Alves Machado, Amadeu Carvalho, Jerónimo de Almeida, Ilídio Ribeiro Dias, Agostinho Rocha, Antonino Dias de Castro, João da Silva Guimarães, Jerónimo Sampaio, Francisco Ribeiro Martins da Costa (Aldão), Francisco Martins, Alberto Braga, Gaspar de Magalhães Couto, José Fernandes, Henrique Gomes, António José Rodrigues,

José dos Reis Teixeira, Capitão Andrade, Alberto Pimenta Machado, José Pinheiro, António Emilio Ribeiro, Domingos Martins Fernandes, João Rodrigues Loureiro, António Ribeiro, filho, José Ribeiro de Freitas, Manuel Joaquim Fernandes, Abílio Fernandes Guimarães, Alberto Teixeira Carneiro, Arão Campos de Carvalho, etc.

A' sobremesa brindaram, ao homenageado, com calorosas e unânimes ovações às suas inegua-láveis qualidades de esposo e pai modelar, professor distintíssimo, artista prodigioso, carácter impoluto, vimezanense ilustre e devotado, patriota e cidadão exemplar, autêntica glória nacional os Srs. A. L. de Carvalho, A. J. Rodrigues, Dr. João de Oliveira, Dr. José Rodrigues, Alberto Teixeira Carneiro, Dr. Alfredo Fernandes, Jerónimo de Almeida, Dr. Eduardo de Almeida, Jerónimo Sampaio e Francisco Martins.

O Sr. Abel Cardoso, que agradecendo comovido, encerrou os brindes, ouviu intermináveis salvas de palmas e entusiásticos vivas com que foi terminada esta simpática festa.

Doente

Encontra-se gravemente enferma a Esposa do nosso amigo e leal correligionário, Sr. Alferes Herculano Pereira Guerreiro. A filha do mesmo encontra-se também algo incomodada.

Os nossos votos pelas suas melhoras.

Como era de esperar, tudo se conjugou para o bom sucesso das populares festas da cidade. Os vários números, garridamente postos em scena, tiveram o mais entusiástico acolhimento da parte da multidão de forasteiros que — no curto espaço de três dias — deu ao *berço da Nacionalidade* a minúscula aparência de um grande centro cosmopolita. Guimarães regorgitou de intensa alegria, viveu horas de inolvidável nervosismo festivo, teve momentos de enorme sensibilidade popular. A Banda de Infantaria n.º 20 — cuja tradição se liga indissolúvelmente a Guimarães — foi recebida com entusiasmo pelos vimaranenses, tomados colectivamente de um estranho sentimento frenético. Na verdade, aquela Banda é — a despeito de tôdas as opiniões em contrário — um pedaço de alma da nossa querida Guimarães... cidade *vêlhinha*, segundo uns — mas saturada de esperança renovadora, segundo outros. A «Batalha de Flores» decorreu cheia de vivo luzimento, distinguindo-se bizarramente alguns carros engalanados e algumas sacadas originais. No número destas — e confessamos humildemente que se nos afigurou a mais interessante — a da casa do nosso particular amigo e intemerato Republicano, sr. Capitão Manuel Faria. A Marcha Milanese — como sempre — foi um desfile surpreendente de côres luminosas... um encanto. Mas notamos que alguns peões do cortejo iam — em frente ao jardim público — em certa desordem, o que merece a quem de direito uma grande atenção. Em conclusão, o fôgo de artifício foi de efeitos arrebatadores e arrancou de toda a gente os melhores aplausos. Nós ovacionamos daqui a Comissão Organizadora, à frente da qual se encontra o nosso amigo e correligionário e ilustre professor da Escola Francisco de Holanda, Sr. Dr. João de Oliveira Bastos. A Comissão das Festas deu a muito vimaranense enfatuado uma pesada lição de amor à terra-mãe. Já o dissemos: a Comissão deu um exemplo *frísante de bairrismo*... exemplo que merece, de todos nós, a mais fervorosa imitação. Este artigo porém — escrito vertiginosamente sob a pressão influenciadora dos últimos festejos — não visa propriamente este assunto de contraste e incitamento. Destina-se — traçado em linhas gerais — a dizer um bocadinho do que foram as Gualterianas de 1931. A sua organização obedeceu a um método de esforço conjunto e produzido — afora alguns leves imprevistos de mínima significação — os mais lisongeiros efeitos. Só temos, por isso mesmo, que louvar, que aplaudir, quem se abalçou a tal realização.

Mas, como a nossa honorabilidade jornalística nos impõe a verdade na exposição do pensamento, sem torcimentos, sobre tudo o que abordamos, não podemos ocultar a mais fremente reprovação ao desmazelo — algo vexatório — do ornamental e iluminador que, de certo modo, impediu o completo e retumbante brilhantismo das nossas famosas Gualterianas. O facto despertou justo azedume de todos os que — já em pleno folguêdo popular — sofriam atropelos dos trabalhadores da ornamentação. Foi uma falta do cavalheiro perante a Comissão das Festas. Porque a verdade é que àquelas horas já tudo devia estar pronto. Esta confissão — aqui estampada em letra redonda — ficar-nos-ia a torturar a consciência se a ocultássemos.

A Comissão das Festas não tem culpa desta imprevidência. Pelo contrário, fez tudo o que humanamente é possível para evitá-la. Em vista do que lhe ende-

Quem assiste, na hora presente, à rotação política do universo e usufrui o gôzo das faculdades de óptica — sem poeiras nem neblinas — estarrece mudo de estranha comoção, electrizado pela vertigem dos sucessivos choques sociais, deslumbrado pelo aspecto colorido da variedade... O movimento terráqueo é positivamente o mesmo. Mas hoje, mais que nunca, se nos acumulam na imaginação alguns inquietantes pontos de interrogação. A capacidade popular vai compreendendo o alto significado de algumas verdades eternas e conflui — impregnada de profundo sentimentalismo humano — para a luta social, guiada pela intensa luz do seu farol longínquo. Toda a semente produz em tempo oportuno o desejado fruto. O Nazareno fez à humanidade *escrava e pagã* o sacrifício da vida... depois de emancipar, pelo verbo e pelo exemplo, toda essa legião de seres quasi rudimentares... que foram realmente seus dignos discípulos. Os primitivos cristãos, pela sua ingénua pureza espiritual, pelo heroísmo da sua extrema abnegação, foram sem contestação os pioneiros duma doutrina sã... duma doutrina que — por ser comovedora — revolucionou o mundo, preparando uma humanidade melhor. Porém, a doutrina abastardou-se no momento de domínio e enferma, como a maioria das doutrinas que súbito se alçandoram ao *cume do poder*, do facciosismo de seita.

Nós também bebemos naquela fonte salutar do Nazareno. Porque a Democracia é a revivescência profana, livre, sã e grandiosa do ideal cristão. E nós — à margem de preconceitos religiosos — somos cristãos...

... Mas a luta desencandeia-se feroz no palco mundial. De quando em vez, o estrondo dum sucesso que ecôa na abóboda celeste, que retine por largo espaço em tôdas as cordas nervosas das gentes. A história repetê-se; mas, não é sem um copioso ineditismo que tal se faz. Daí, o espanto de muitos em face da atitude das nações — aliás banal e coerente — quando reconhecem a República dos soviets. Daí, o desapontamento que vem congestionando muitos rostos ao lerem nos jornais as amigáveis relações italo-russas. Daí, a explosão de raivas desconhecidas quando se apurou que o Papa e Duce se detestavam cordealmente...

Enfim... a Espanha, que rasgou a venda a inúmeros cavaleiros andantes e é (para eles) uma pavorosa interrogação!

Vejamos com clareza. O futuro só assusta os tímidos que — como os nossos avós dos tempos das descobertas — sonham o mar povoado de monstros.

Insistimos a todos os instantes nestes axiomas que se ajustam comodamente dentro da nossa esfera doutrinária. Em verdade, que podemos reear das hecatombes se não um mau bocado de tétrica emoção? Ao cabo da tormenta surge o uso da razão.

O nosso Ideal é pacífico. Não ataca; defende-se. Não impõe; oferece à crítica. Não obriga; persuade. Não mata; resguarda-se da morte, etc., etc.

Claro que — apesar de tudo — não podemos parar. A marcha é privilégio inerente às verdades que nos iluminam.

O panorama é vasto; é um todo de panoramas. Havemos de olhá-los de outro lado. Que o seu pitoresco convida-nos e amamos gulosamente as côres berrantes.

XYZ.

reça «A Velha Guarda» os seus mais francos aplausos e faz votos pela continuidade em anos seguidos deste grande serviço prestado a Guimarães.

Brevemente encetaremos a campanha «Pro-Festas da cidade». Como havemos dito — e hoje repetimos — ao Município cabe, neste interessantíssimo problema cidadão, um papel preponderante. Outras cidades de indiscutível importância — e citemos Braga para exemplo, aqui, muito à portinha — vêm adoptando tal maneira de resolução.

Ora Guimarães, que em tudo *prima* pelo tardio do andamento, não pode permanecer eternamente na sua apatia desconcertante. Precisa, neste aspecto singular, de pronta regeneração... de pronta e eficaz regeneração. Mas como dizíamos, não é esta a matéria do artigo de hoje. Fica para outra oportunidade.

Águia-Verde.

Escola Industrial e Comercial

O concelho escolar deste estabelecimento de ensino propôs para receberem «Prémios pecuniários» os seguintes alunos: José

Lino, 50,000; António de Oliveira, 50,000; Domingos Gonçalves, 50,000; António da Costa Antunes, 50,000; Silvino Malheiro Rodrigues, 150,000; Francisco Teixeira Duarte, 150,000.

Os dois últimos prémios são da Junta Geral do Distrito de Braga, e os restantes são da Câmara Municipal desta cidade.

Apresentamos, aqui, os nossos cumprimentos aos alunos premiados e aproveitamos a ocasião para manifestarmos o nosso regosio pelo progresso deste importante Estabelecimento de ensino.

Até que enfim! A utilidade da nossa Escola Industrial e Comercial — onde a frequência tem aumentado de ano para ano — principiou a ser compreendida por todos aqueles que podem aproveitar dos seus benéficos resultados. Felizmente — embra tarde — está justificada a necessidade da existência desta Escola, como se verifica pela sua elevada frequência, e bem assim pelo aproveitamento dos alunos.

Este número foi visado pela comissão de censura

Flores soltas na câmara ardente duma criança de 9 anos

A Morte! Trágica sombra do Destino! Sombra que foge no crepúsculo da noite!...

Sorriso triste duma estréla que radiante estende a sua luz!... Estréla infinita, um ponto apenas que brilha, e que ao longe nos guia na sua existência!...

Na Dór eterna, sempre ausente, peço à tua Alma carinho e beleza; e, na mortalha do Sofrimento, a fé viva e intensa da Imortalidade!

A Alma é imortal! O corpo, toalha branca, jaz na Terra, vestuário que se desfaz no sópro e na inclemência do Tempo!...

Espero ainda ver e amar-te, em toda a tua beleza de sonho... A Vida é uma ilusão, a Vida representa a morte, e esta abre-nos a porta da Vida!

Rasto de luz que deixas em meu coração a centelha eterna da memória!

Rasto de glória que vives para além da vida...

Choro a tua Ausência, a tua partida, para o espaço que é invisível!...

Mas meus olhos sonham a realidade e vêem o teu olhar profundo!

Para ti, hoje estréla fulgurante, Pensamento, Alma alada, a flôr duma Saudade!

Guimarães, 25-Julho-931.

ILÍDIO PROENÇA.

Casamento

No passado dia 27 de Julho, consorciou-se na paroquial de Azurém, o nosso amigo, benquista industrial e correligionário, Sr. Belmiro Mendes de Oliveira, com a Snr.^a D. Maria Beatriz Teixeira Carneiro, irmã do também nosso amigo e correligionário Sr. Alberto Teixeira Carneiro.

Aos recém-casados, deseja a «Velha Guarda», uma lua de mel perene de felicidades.

Exames

Transitaram para o 3.^o e 4.^o ano do Curso Comercial da Escola «Francisco de Holanda», respectivamente os nossos amiguinhos Narciso do Amaral e António Teixeira Mendes Guimarães.

—O menino Mário da Silva Mendes Guimarães, sobrinho do nosso correligionário e amigo sr. Amadeu de Almeida, concluiu com distinção o 2.^o grau de ensino. Os nossos parabens.

Estação do Caminho de Ferro

Chamamos a atenção de quem de direito para a enorme falta de higiene que se observa nas retretes deste estabelecimento de trânsito. O facto depõe contra os que —por distracção ou desmazelo— deixam de cumprir um dos mais elementares preceitos da saúde pública. Além do triste espectáculo que se oferece aos viajantes ou turistas...

Em suma, chamamos a atenção de quem de direito para o caso.

Notas de Imprensa

«O Povo» — é, como temos anunciado, o «Jornal Sem Donos». Porque realizando o seu capital com inúmeras acções, distribuídas por milhares e milhares de subscritores Republicanos, não fica pertencendo a qualquer potentado. Chamamos a atenção dos vimaranenses liberais para a alta missão social deste grande Diário Republicano da Manhã, cuja Comissão Instaladora está envidando esforços titânicos no sentido do seu breve aparecimento. Temos, em nosso poder, muitos boletins individuais e —por isso mesmo— convidamos os nossos correligionários a efectuar a sua inscrição, certos de que a Causa da Democracia prestarão um optimo serviço.

«O Povo» só poderá publicar-se quando realizada a décima parte do seu capital (100.000\$000). Eis porque se apela para a boa vontade de todos os Republicanos. Ninguém pode possuir mais que dez acções, de 10\$000 cada. Qualquer informe, sobre o assunto, se dá nesta Redacção.

«Novela Vermelha» — que vai ser lançada brevemente no mercado da publicidade, será uma série de contos socialistas... de molde a focar e a seguir a evolução da vida moderna. Nesta simpática publicação, cujo caracter educativo se revela pelo enunciado, colaborará todo aquêlle que o deseje. O preço da «Novela Vermelha» será de 1\$000, cada série de 12 números 10\$000. A sua publicação será anunciada sempre com antecedência. Possuimos uma lista para assinantes. A publicação merece de todos o maior carinho, visto ser única no género. Explicamos qualquer pormenor aos leitores que o desejem.

«A Novela Vermelha» tem a sua sede provisória na Rua da Achada, 56, 3.^a, Lisboa. São seus editores os Srs. José de Lemos e Idílio Ferreira.

«Mocidade Livre» — é um novo e destemido confrade que nos visita. Trabalho de gente moça, merece-nos especial atenção pela vivacidade e desassombro com que aborda os problemas renovadores. A colaboração é distinta e bem apresentada no aspecto gráfico. «Mocidade Livre» é um jornal deveras interessante.

«A Velha Guarda», agradecendo a visita do colega, vai permutar.

«Povo de Penafiel» — reapareceu, com denodado brilho, no campo da luta de ideias. Regojando-nos com o facto, cumprimentamos o presado camarada que, naquela linda cidade, se bate — como «A Velha Guarda» em Guimarães — pelo glorioso P. R. P.

«A Voz do Minho» — transcreveu amavelmente o nosso suelto;

«Não se confunda»!... Agradecemos a gentileza ao nosso valoroso colega.

«Gazeta de Albergaria» — é um brilhante paladino da Democracia que vê, de há muito, a luz da publicidade na linda Albergaria-a-Velha.

Conhecemos já o quanto esta localidade deve à sua acção libertadora. Sobre o nosso suelto — publicado há algumas semanas sob a epigrafe: «Missa ou comício?» — fazia, junto da transcrição duma parte do mesmo, um consciencioso comentário.

A êste suelto, que vem sendo transcrito e comentado por alguns distintos colegas, podíamos aumentar uma infinidade de outros sobre coisas que — da mesma matéria prima — se passam nas redondezas...

Mas fica essa infinidade de coi-

sas para uma altura mais oportuna...

Por agora, agradecemos ao valente confrade a amável referência.

«Revista Portuguesa de Comunicações» — No seu 51.^o número, correspondente ao 1.^o de Agosto corrente, acaba de visitar-nos, uma vez mais, êste importante quinzenário que vê a luz da publicidade em Lisboa.

Os assuntos ali tratados com desassombro e competência são de molde a conquistar à especializada Revista grande número de leitores. O número a que hoje nos referimos occupa-se com verdadeiro brilho, da forma porque decorreu a última assembleia de accionistas da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses.

Disserta também sobre o problema da nossa marinha de comércio e insere uma esplêndida reportagem da sessão da Voz do Operário, em que foi calorosamente homenageado o nosso amigo Raúl Esteves dos Santos.

Do que mais contém o aludido número pode julgar-se do sumário a que em seguida damos cabimento:

«Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses — Exercício de 1930, pelo Eng. Américo Vieira de Castro. «A nossa Marinha de Comércio», pelo comandante Guilherme e Vidal Júnior. «Números Fictícios», «mais um sensation», um depoimento sobre as contas da Companhia dos Caminhos de Ferro da Beira Alta», por Silva Viana. «Notas Coloniais», por Cestor e Polux. «Marinha Mercante», «O Record da Velhice», por Guerra Maio. «T. S. F., Circuitos, um receptor de Radiovisão», por Guilherme de Castro. «A Consagração a Raúl Esteves dos Santos na Sociedade de Instrução e Beneficência A Voz do Operário. «Em caso grave — os corpos Gerentes da C. P. terão recebido nos últimos anos remuneração superior ao que lhes está fixado. «A Assembleia Geral da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses». «Alguns comentários à assembleia da C. P.. «A hora do Verão». «Marcas e Patente. «Viação automóvel e trânsito nas vias públicas». «Cunha Leal».

Movimento Escolar da Escola Industrial e Comercial de «Francisco de Holanda», no ano lectivo findo

Curso Comercial, 1.^o ano — Transitaram para a 2.^a classe, 21 alunos; fizeram exame de geografia geral, 21 alunos (com 6 distinções); perderam o ano por faltas e insuficiência média, 23 alunos.

2.^o ano — Transitaram para a 3.^a classe, 20 alunos; fizeram exame de Aritmética Comercial, 20 alunos (com 4 distinções); fizeram exame de Caligrafia, 20 (com 5 distinções); perderam o ano por faltas e insuficiência de média, 21 alunos.

3.^o ano — Transitaram para a 4.^a classe, 3 alunos; fizeram exame de História Pátria Geral, 3 (com uma distinção); perderam o ano por faltas e insuficiência de média, 4 alunos.

4.^o ano — Concluíram o Curso, 6 (com 3 distinções).

Curso Industrial Ordinário, 1.^o ano — Transitaram para a 2.^a classe, 6 alunos; fizeram exame de Desenho geral 5 alunos; perderam o ano por faltas e insuficiência de média, 9 alunos.

2.^o ano — Transitaram para o 3.^o ano, 4 alunos; fizeram exame de Portugues, 4 (com uma distinção); fizeram exame de Aritmética, 4 alunos; perderam o ano por faltas e insuficiência de média, 4 alunos.

3.^o ano — Transitaram para o

4.^o ano, 7 alunos; perderam o ano por faltas e insuficiência de média, 1 aluno.

4.^o ano — Concluíram o Curso, 3 (com 2 distinções); perderam o ano por faltas, 1 aluno.

Curso de Aperfeiçoamento (Transitório), Portugues 1.^o ano — Matricularam-se 6 alunos; transitaram para o 2.^o ano, 3 alunos; perderam o ano por faltas ou insuficiência de média, 3 alunos.

Aritmética 1.^o ano — Matricularam-se 6 alunos; transitaram para o 2.^o ano, 3 alunos; perderam o ano por faltas ou insuficiência de média, 3 alunos.

Desenho ornamental 1.^o ano — Matricularam-se 4 alunos; transitaram para o 3.^o ano, 2 alunos; perderam o ano por faltas ou insuficiência de média, 2 alunos.

Desenho ornamental 3.^o ano — Matricularam-se 12 alunos; perderam o ano por faltas ou insuficiência de média, 2 alunos.

Lavores — Perderam o ano por faltas ou insuficiência de média, 3 alunos; obtiveram distinção, 7 alunos; transitaram por média para os anos seguintes, 24 alunos.

*

Também efectuou o seu exame do 2.^o grau de instrução primária, ficando plenamente aprovada com distinção, a menina Edith Mascarenhas, filha do nosso sempre chorado amigo e correligionário Mascarenhas, Escrivão de Direito nesta cidade.

Enviamos afectuosos cumprimentos à inteligente menina.

EDITAL

José Maria Pereira Leite de Magalhães e Couto, administrador do concelho de Guimarães.

Faz público que, para os devidos efeitos, e para cumprimento do art. 8 do Decreto n.º 8364, de 25 de Agosto de 1922, a esta secção administrativa da Câmara baixou o edital da Circunscrição Industrial que é do teor seguinte:

Manoel Jacinto Eloi Moniz Júnior, Engenheiro-Chefe da 1.^a Circunscrição Industrial.

Faz saber que, Alberto Pimenta Machado, requereu licença para instalar uma fábrica de tecidos de algodão e sêda, incluída na 2.^a classe com os inconvenientes de barulho, trepidação e perigo de incêndio, no lugar de Vila Pouca, freguesia de S. Sebastião, Concelho de Guimarães, Distrito de Braga, confrontando ao Norte, com Largo da República do Brazil, Sul e Poente, com Calçada das Capuchinhas e Nascente com terrenos da Casa de Vila Pouca.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incomodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da data da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações, por escrito, e examinar o respectivo processo, nesta Circunscrição, com sede em Porto, rua Sá da Bandeira n.º 142-2.^o.

Porto, e Secretaria da 1.^a Circunscrição Industrial em 28 de Julho de 1931.

O Engenheiro-Chefe

Manoel Jacinto Eloi Moniz Júnior.

E' o quanto se contém no referido edital.

Guimarães, secção administrativa da Câmara, aos 5 de Agosto de 1931.

E eu, José Fernandes Ribeiro Gomes, chefe da secção administrativa, o escrevi.

José Maria Pereira Leite de Magalhães e Couto.



Jerónimo Almada Martins da Rocha

Ainda sobre o falecimento dêste adorado filhinho do nosso querido correligionário Sr. Dr. Jerónimo Martins da Rocha, concluímos que — no cemitério da Costa — se formaram os seguintes turnos:

1.^o — Dr. Adelino Jorge, Dr. Mário Dias, Dr. Fernando Chaves e Luís Cândido Lopes.

2.^o — António José Pereira Rodrigues, José Neves Pereira, Capitão Faria e Porfírio Carneiro.

3.^o — José Fernandes Guimarães, José Joaquim Pereira da Costa, Augusto Pinto Lisboa e A. J. Pereira Rodrigues.

4.^o (Petises) — Bernardo Lôbo Azenha, Inácio Lôbo Azenha, Luís Ferreira Machado e Adelino Neves Pereira.

5.^o (Família) — Dr. Florêncio Lôbo, Agostinho Martins da Rocha, José Gabriel Peixoto e Domingos Rocha.

A chave do caixão foi entregue ao prestante cidadão e nosso querido correligionário sr. António de Jesus Teixeira.

E o nosso muito ilustre correligionário, eminente Presidente da C. P. do P. R. P. e grande homem de bem, Sr. Dr. Mariano Felgueiras, foi substituído no acto pelo também nosso indefectível correligionário, sr. A. J. Ferreira da Cunha.

A família enlutada recebeu numerosos telegramas de Arcos de Valdevez e outras procedências, entre os quais um do Sr. Dr. Mariano Felgueiras. Sentimentos mais uma vez.

Dr. Luís Augusto Pinto de Mesquita Carvalho

Faleceu no Porto este antigo e honrado Ministro da República, que foi Deputado às Constituintes.

«A Velha Guarda» envia à sua desolada esposa, Sr.^a D. Maria Izabel Junqueiro Carvalho, filha do incomparável poeta da «Velhice do Padre Eterno», a expressão sincera das suas condolências.

— Também faleceu nesta cidade o sr. João Coelho da Mota Prego, engenheiro agrônomo.

O melhor café é o d'A BRAZILEIRA

DEPOSITÁRIOS:

Francisco Joaq.^m de Freitas & Genro

Torrefacção primorosa
Todos os dias moído electricamente

70-TOURAL-73
GUIMARÃES

FABRICA DE PENTES DO RIBEIRINHO

FORNECEDORA DOS PRINCIPAIS
ARMAZENS EXPORTADORES
TELEFONE N.º 128
GUIMARÃES — Portugal

CASA DAS GRAVATAS DIAS & CARVALHO, L.ª

CHAPELARIA,
CAMISARIA E
GRAVATARIA.
43 — Rua da República — 47
TELEFONE N.º 188
GUIMARÃES

CARLOS DE LEMOS (MARCA 54)

FABRICA DE CUTELARIAS
MIRADOURO — GUIMARÃES
.....
Cutelarias em aço fino das
melhores procedências

PADARIA ALMEIDA DE

José Mendes Guimarães
Rua Elias Garcia, 63
GUIMARÃES
.....
Cereais e Farinhas

PHILIPS RADIO

OS MELHORES RECEPTORES

Representantes:
BERNARDINO JORDÃO, FILHOS & C.ª
GUIMARÃES
TELEFONE 22

Grande Armazem de Exportação

DE
Augusto Mendes
Rua de Gil Vicente
GUIMARÃES
.....
Calçado,
Cutelarias
e Pentes

CASA DE SANTA TERESINHA

RUA DA REPÚBLICA, 122
GUIMARÃES
.....
Papellaria e Livraria
Artigos Religiosos e
Objectos de escritório

Pasta dentifrica CORALIA

Sendo quimicamente neutra é a
única que dá aos dentes a
côr natural do marfim.
Telefone, 73
Vende-se em tôdas as farmácias e
perfumarias.

CASA HIGH-LIFE, Filial

de Benjamim de Matos & C.ª, L.ª
Toual — GUIMARÃES
Telefone, 64
O seu intento é, com os preços e qualidades de
todos os artigos que vendem, convencer o público
de que se esforçam o máximo para lhe fornecer
artigos bons e garantidos por preços razoáveis.
SECÇÃO DE MODAS.

Antiga Casa Patricio

DE
José Fernandes Martins
Praça D. Afonso Henriques
GUIMARÃES
.....
Pão de Ló de Margaride (de Leonor
Rosa da Silva).
Especialidade em artigos
de mercearia fina.

A. J. Ferreira da Cunha

Praça D. Afonso Henriques
GUIMARÃES
.....
Sortido completo em ferragens
finas e para usos industriais.

Papellaria Central

Telefone, 149
Praça D. Afonso Henriques
GUIMARÃES
.....
Artigos fotográficos.
Única casa da especialidade.

Armazem de Mercearia

por junto e a retalho
DE
Francisco Lopes Martins
Rua de Gil Vicente — GUIMARÃES
.....
Depósito de telha Marselha
e tubos de grés. Telefone, 101

GRANDE HOTEL DO TOURAL

TELEFONE N.º 74

O maior, o mais central e o mais
bem frequentado e confortável.
Serviço de mesa primoroso
para dieticos e não dieticos.

PENSÃO DE GUIMARÃES

DE JOAQUIM DA SILVA
19, Travessa de Camões, 21 — GUIMARÃES

Almoços a 8\$00. Jantares a 10\$00.
Diárias de 14\$00 a 25\$00.
Quartos excelentes e cozinha á por-
tuguesa. Iluminação eléctrica.

João do Couto Salgado

CHAMADAS — Telefone, 222
Mudou o seu escritório de
solicitador para
a Rua 31 de Janeiro, 111
GUIMARÃES

Fábrica de Guarda-sois e Chapéus

DE
FARIA & FERNANDES, L.ª
51, Largo Prior do Crato, 54 — GUIMARÃES
49, Praça D. Afonso Henriques, 50 (Filial)
Telefone n.º 89
Agentes oficiais dos pneus FIRESTONE
Representantes do capacho IDEAL

Oficina de Serralheria

DE
SEBASTIÃO MENDES
Rua de Vila Verde — GUIMARÃES
.....
Encarrega-se da manufactura de toda a obra que
diz respeito á sua arte, tais como: Portais para
quintas, cozinhas de ferro, ramadas, etc., etc., etc.
Especialidade em alicates, torqueras, fechaduras e pedrezes.

Leite & Figueiredo

Materiais para construções
Cal, tintas, vernizes, tubos
de grés e telha de Marselha.
Largo da Condessa do Junca! — GUIMARÃES

CARREIRAS DE CAMIONETE ENTRE GUIMARÃES E PORTO

.....
João Ferreira das Neves
Escritório:
Casa Almério Ferra
Toual — Guimarães

António Ferra, Filho

Largo D. Afonso Henriques
GUIMARÃES
.....
Completo sortido em ferragens finas
e artigos de menage.
.....
Escritório de Camionetes para o Pôrto

JOSÉ MENDES GUIMARÃES

R. de Gil Vicente, 71 — GUIMARÃES
.....
Depósito da excelente palha tri-
lhada em fardos, bancas de
lousa para barreiros, oleados
e carvão de coke para cosinha.

Braga & Carvalho, Limitada

Praça de D. Af. Henriques — Guimarães
TELEFONE, 78
ARMAZEM DE MERCEARIA FINA
e Escritório das Camionetes para
Braga e Pôrto.

CASA IDEAL

DE Joaquim Leite Monteiro
Rua 31 de Janeiro n.º 28 e 30
Telefone n.º 181
Encarrega-se de concertos em tôdas as
Máquinas de escrever (qualquer marca).
Serviços garantidos. — Preços módicos.
Agente das Máquinas Smith e Corôna.

L. D'OLIVEIRA & C.ª

Rua da República
(Junto ao Banco do Minho)
GUIMARÃES
.....
Completo sortido em tabacos
nacionais e estrangeiros.
LIVRARIA E PAPELLARIA.
VALORES SELADOS.

Sapataria Elegante

DE
Artur d'Oliveira Sequeira
Largo Prior do Crato
GUIMARÃES
.....
Especialidade
em
calçado fino e concertos

MANUEL MACHADO

Miradouro — Guimarães
Marca 53 (Registada)
.....
Fabrico de cutelarias.
O melhor no género.
Acabamento garantido.

Joaquim Ribeiro Moura

(Marca 35)
Pisca — GUIMARÃES
Telefone n.º 167
Fábrica de Cutelarias e Tecidos
Premiada nas várias exposições a que tem concorrido.
A título de experiência, aconselha-se
uma visita a esta acreditada casa.

FOTO - BELEZA

DE MANUEL ALVES MACHADO
Rua 31 de Janeiro, 97 — GUIMARÃES
GALERIA DE ARTE Telefone n.º 216
Executa com a máxima perfeição amplia-
ções em todos os tamanhos.
Acabamentos em trabalhos de amadores e
todos os serviços concernentes a esta arte.

Marca da Fábrica

SILVA MARCA 5
GUIMARÃES
.....
Registada
Endereço telegráfico:
SILVA 5-Guimarães

FABRICA DE CUTELARIAS: SILVA MARCA-5

A MELHOR DE PORTUGAL
Fundada em 1882
Premiada em tôdas as exposições a que tem concorrido
José Francisco da Silva, Filho & Genro
MIRADOURO — GUIMARÃES